



Universidade de São Paulo – USP
Faculdade de Direito – Departamento de Processo Civil

RELATÓRIO DE PESQUISA EMPÍRICA

DESIGUALDADE DE GÊNERO: DESAFIOS E PERCEPÇÕES DAS ALUNAS
MULHERES DA PÓS-GRADUAÇÃO NO DEPARTAMENTO DE PROCESSO
CIVIL DA FACULDADE DE DIREITO DA USP

Alunos:

Elisa Martinez Giannella – n. USP 10852650

Juliana Chan – n. USP 8997272

Mariana dos Anjos Ramos Carvalho e Silva – n. USP 5181590

Marília Golfieri Angella – n. USP 10129298

Pedro Perri – n. USP 10670289

Trabalho de pesquisa de campo apresentado à Disciplina *Pesquisa Empírica: Instituições e Processos Judiciais*, como atividade prática, sob a orientação dos Professores Carlos Alberto de Salles, Susana Henriques da Costa, Maria Tereza Sadek, João Eberhardt Francisco e Maria Cecília Asperti.

São Paulo – SP

Novembro, 2019.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
MARCO TEÓRICO	5
HIPÓTESE	6
METODOLOGIA	8
RESULTADOS	12
CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1. INTRODUÇÃO

Esse relatório foi desenvolvido como trabalho de conclusão da disciplina “*Pesquisa Empírica: Instituições e Processos Judiciais*”, com o desenvolvimento do método de pesquisa empírica na modalidade de entrevista, em uma abordagem qualitativa, precedida de uma pesquisa estatística de abordagem quantitativa, conforme abaixo se explicará pormenorizadamente.

O tema central da pesquisa desenvolvida diz respeito às interações de gênero no âmbito acadêmico da pós graduação em direito processual civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP). Em especial, pretendíamos aferir se existiram e quais seriam os desafios, relacionados ao ambiente acadêmico e relacionados a questões de gênero, enfrentados pelas alunas de pós graduação.

A escolha por restringir nosso universo de análise apenas às alunas do Departamento de Direito Processual Civil (DPC) da FDUSP se deu em virtude da limitação de tempo da pesquisa realizada e pela maior proximidade existente entre parte dos pesquisadores e as discentes do DPC, o que facilitaria o contato para a realização das entrevistas.

No que tange às justificativas para a escolha do objeto de pesquisa, diversas foram as circunstâncias que despertaram o interesse do grupo de pesquisadores nos desafios de gênero enfrentados pelas discentes de pós-graduação do Departamento de Direito Processual Civil da FDUSP.

Inicialmente, chamou atenção do grupo de pesquisadores a diferença numérica entre alunos homens e mulheres no DPC/FDUSP, sendo 104 (cento e quatro) homens e apenas 42 (quarenta e duas) mulheres. Esse, portanto, foi um primeiro elemento que objetivamente apontou uma desigualdade numérica de gênero no âmbito do Departamento, despertando o interesse dos pesquisadores

Ainda, importante influência na escolha do objeto de análise foi a pesquisa qualitativa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa e Estudo de Inclusão na Academia (GPEIA), vinculado à FDUSP, que investigou as dinâmicas de inclusão e exclusão que operam no ambiente universitário sob a perspectiva de gênero no âmbito da faculdade de direito.

No entanto, a pesquisa do GPEIA teve como objeto de análise as interações de gênero apenas no âmbito graduação, não se tendo conhecimento, até o momento, de pesquisa que tenha pretendido fazer análise semelhante no âmbito de um departamento de pós graduação.

Portanto, parece relevante perquirir acerca das interações e desafios de gênero vivenciados pelas discentes também da pós graduação da Universidade de São Paulo (ainda que limitado a um departamento específico).

Assim, a pesquisa objeto deste relatório considerou algumas das provocações, reflexões e conclusões feitas pelo estudo GPEIA, também avaliando as experiências pessoais dos pesquisadores envolvidos para desenvolver o presente estudo.

Igualmente, partiu-se da premissa de que a falta de debate sobre o tema dos desafios de gênero na pós-graduação faz com que não sejam desenvolvidas medidas afirmativas para a inclusão das mulheres no âmbito acadêmico, fortalecendo barreiras antigas. Bem assim, a falta de incentivos, aliada à falta de estrutura (v.g. salas de amamentação, apoio contra assédio, rede de colaboração), solidifica o cenário predominantemente masculino.

O grupo constatou, ainda, que a desigualdade de gênero no âmbito acadêmico tem raízes históricas, o que se soma aos muitos dos desafios de gênero enfrentados por discentes mulheres até os dias de hoje. A título exemplificativo, somente no ano de 1897, a primeira mulher ingressou na Faculdade de Direito da USP (Maria Augusta Saraiva), ou seja 70 anos depois de inaugurado o curso. Por outro lado, apenas em 1998 a primeira diretora mulher da FDUSP tomou posse (Ivette Senise), assim como a primeira diretora mulher do Centro Acadêmico XI de Agosto (Andrea Maria Mustafá), somente 171 anos depois da inauguração da FDUSP.

Fora do âmbito meramente acadêmico, alguns dados que revelam desafios de gênero também chamaram à atenção do grupo de pesquisadores. No Supremo Tribunal Federal, foi somente no ano 2000 que a primeira mulher ministra tomou posse, sendo ela a Ministra Ellen Gracie. E, por fim, somente nos anos de 2018 e 2019, respectivamente, o primeiro busto feminino foi inaugurado no Tribunal de Justiça de São Paulo, sendo da advogada Maria Augusta Saraiva (144 anos depois da inauguração do TJ/SP), e a primeira sala com nome feminino foi inaugurada na FDUSP,

em homenagem à Professora Ada Pelegrini Grinover, inclusive vinculada ao Departamento de Processo da FDUSP.

Diante desses dados e também considerando a sub representação feminina na pós graduação, houve o interesse em realizar a pesquisa para se concluir com abordagem qualitativa qual seria a percepção e os desafios das mulheres alunas da pós-graduação no Departamento de Processo Civil da Faculdade de Direito da USP.

2. MARCO TEÓRICO

Partindo da pergunta e do propósito da pesquisa acima descritos, o grupo levou em consideração o conceito amplo de “**gênero**”, sendo “*o caráter social da construção dessa diferença [de gênero], sublinhando que ela é, sobretudo, relacional e historicamente situada*” (SCOTT. 1995 *apud* CEREZETTI, 2019).

Central para nossa pesquisa, entendemos “gênero” tanto como categoria analítica quanto como premissa teórica. Adotamos, pois, uma noção ampla de gênero, tendo como central “o caráter social da construção dessa diferença, sublinhando que ela é, sobretudo, relacional e historicamente situada” (SCOTT. 1995 *apud* CEREZETTI, 2019).

Nossa pesquisa compreende tanto uma abordagem macro-estrutural¹ quanto microestrutural² de gênero e de interação. Isso significa dizer que, adotamos a compreensão de que, se por um lado o poder, o status, a divisão de trabalho (macroestruturais) são elementos explicativos importantes no que tange à análise de gênero, por outro, há uma grande relevância na *interação* entre os indivíduos. Esta, ao mesmo tempo em que afeta as relações de gênero, também as constrói. As diferenças

¹ A nível das estruturas sociais, da desigual distribuição de poder e da divisão social do trabalho (MOLM, Linda D; HEDLEY, Mark. Gender, Power and Social Exchange. in: RIDGEWAY, Cecilia L. Gender, Interaction and Inequality. .New York: Springer Science Business Media, 1992. p. 1-29

² Microestrutura é aqui entendido por Cecilia Ridgeway: “*the constructed patterns of social relations among a set of interactants can be thought of as micro-level social structures or, more simply, ‘microstructures’*. Microstructures include patterned differences that emerge among the interactants in power and prestige, influence, the organization of speaking, nonverbal behavior, situated identities, and social and emotional behavior. As this indicates, microstructures have both a hierarchical aspect - who has more power and steem in the encounter? - and a division of labor aspect - who does what?” (RIDGEWAY, Cecilia, L. Gender, Interaction and Inequality. New York: Springer Science Business Media, 1992 p. 9)

formais, institucionais e estruturais afetam profundamente os padrões de interações de gênero, mas não as definem. Como coloca Ridgeway, todo indivíduo, ao engajar em interações sociais, carrega uma bagagem própria de expectativas, crenças e regras sociais, que são profundamente engendradas, ainda que de forma bastante sutil. Entretanto:

“as individuals apply these beliefs and rules to specific contingent events of interaction, they combine and reshape their implications in distinctive ways that are particular to the encounter. As a result, individuals actively construct their social relations. The patterns of relations that develop are not completely determined or scripted in advance by the beliefs and rules of the larger society. Consequently, there is a reciprocal causal relationship between constructed patterns of interaction and larger social structural forms.”

Desse modo, ressaltamos que, assim como o conceito de gênero é contextual e específico, também o são os efeitos microestruturais da interação de gênero, os quais dependem dos atributos específicos de quem (e com quem) interage.

Essa compreensão é importante para a formulação da pergunta central da pesquisa e de suas sub-perguntas, das respectivas hipóteses e das chave de análise adotadas. A própria escolha e divisão dos eixos temáticos - em torno dos quais orientamos as nossas sub-perguntas, evidencia a importância de uma abordagem atenta às estruturas mas, também, às interações.

3. HIPÓTESE

A hipótese central a ser testada no presente estudo foi baseada nas percepções pessoais do grupo de pesquisadores a respeito das dificuldades de pertencimento das alunas da pós-graduação, partindo-se de experiências pessoais vivenciadas direta ou indiretamente, bem como sobre o desconhecimento de procedimentos e políticas acadêmicas voltadas exclusivamente para mulheres no âmbito acadêmico.

A pergunta de pesquisa, pois, foi assim estabelecida: “*no tocante à desigualdade de gênero, quais são as percepções e os desafios das alunas da pós-graduação no Departamento de Processo Civil da Faculdade de Direito da USP?*”.

A hipótese central da pesquisa é de que a percepção das discentes, no âmbito da pós graduação, é de que existem desafios relacionados à desigualdade de gênero no âmbito acadêmico, tendo em vista questões profissionais e pessoais.

Para confirmar essa hipótese ampla, por meio de pesquisa de abordagem qualitativa, via entrevistas, foram delimitados eixos mais restritos para confirmar hipóteses mais cotidianas, como forma de demonstrar a existência desses desafios.

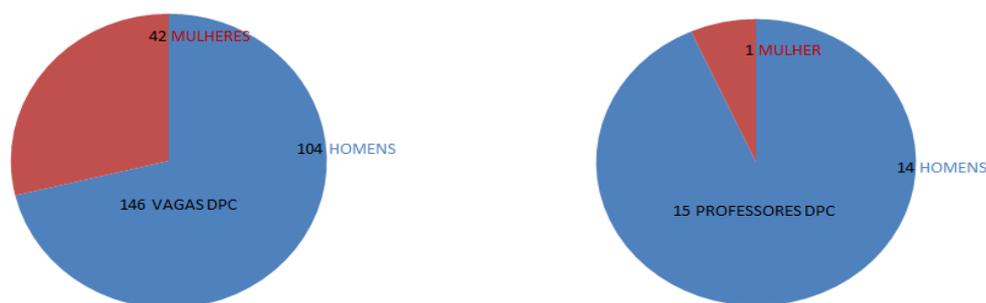
Dessa forma, foram moldadas as seguintes hipóteses para cada eixo, levando em consideração as interações que se verificam para uma pós-graduanda inserida dentro do programa de pós-graduação da FDUSP: (i) quanto à discência, alunas mulheres são mais confrontadas em sala de aula e se sentem menos à vontade para expressar suas opiniões; (ii) concernente à orientação, professores com critérios objetivos de seleção são preferência das orientadas mulheres; dinâmica, disponibilidade e transparência na relação com o orientador são fatores considerados por mulheres no momento da escolha; (iii) no tocante à monitoria, monitoras mulheres são mais confrontadas em sala de aula; (iv) quanto à representatividade, mulheres são menos presentes nas escolhas dos professores para composição da bibliografia e para compor mesas de eventos; mulheres são menos aprovadas em concursos para professores; (v) quanto à gestão do tempo, mulheres possuem uma sobrecarga além da carreira acadêmica; (vi) referente à maternidade, mulheres com filhos possuem mais dificuldade de se inserir na carreira acadêmica; (vii) no concernente à carreira, mulheres em cargos de gestão têm mais dificuldade de conciliar a carreira profissional com a academia e os compromissos da pós-graduação.

Esses eixos menores de hipóteses servem, então, para semi-estruturar a abordagem qualitativa pesquisada de forma que se tornasse possível, através das entrevistas exploratórias realizadas pelo grupo, alcançar os resultados que respondessem à hipótese central estudada.

4. METODOLOGIA

A pesquisa aqui relatada partiu de uma análise multimétodos³, de caráter exploratório, essencialmente com o desenvolvimento do método de entrevista, de abordagem qualitativa, acerca dos desafios e interações de gênero no Departamento de Processo Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (DPC/FDUSP), precedido de um survey de viés quantitativo a fim de apurar o perfil do universo de possíveis entrevistadas.

Como **primeira etapa**, o grupo realizou uma análise dos dados gerais do sistema eletrônico do DPC/FDUSP, sob orientação da Professora Susana Henriques da Costa, a fim de verificar se as justificativas iniciais para a pesquisa seriam confirmadas. Com base em tais dados, chegou-se a números gerais a respeito do perfil do Departamento:



Ademais, foi feita a análise de como as acadêmicas mulheres estavam alocadas com relação aos orientadores, surgindo uma hipótese preliminar de que orientadores que utilizavam critérios objetivos eram preferencialmente escolhidos por mulheres, do que aqueles que utilizavam apenas entrevista e análise de projeto, visto que os 3 (três) professores que detinham o primeiro meio de escolha tinham mais de 50% das alunas inscritas.

³ Segundo Laura Beneth Nielsen “*multi-method research is any research that uses more than one research technique to study one or several closely related phenomena*” (NIELSEN, Laura Beneth. The need for multi-method approaches in empirical legal research. In CANE, Peter; KRITZER, Herbert M., The Oxford Handbook of Empirical Legal Research, Oxford University Press. p. 952-971).

Número de Professores DPC/FDUSP	Porcentagem de mulheres no total de orientandos
1 Professor	75-100% de orientandas mulheres
1 Professor	74-50%% de orientandas mulheres
6 Professores	49-25% de orientandas mulheres
5 Professores	24-1% de orientandas mulheres
2 Professores	0% de orientandas mulheres

Sequencialmente, desenvolveu-se uma pesquisa **quantitativa**, por meio da elaboração de um *survey*, com perguntas genéricas sobre idade, raça, orientação sexual, Estado em que nasceu e se graduou, estado civil, filhos e profissão/carreira, a fim de consolidar qual seria o perfil das acadêmicas inscritas no programa de pós-graduação no DPC/FDUSP.

O envio desta pesquisa quantitativa se deu por meios eletrônicos, através de *e-mails*, redes sociais e mensagens de celular. De um total de 42 (quarenta e duas) alunas, 30 (trinta) responderam, representando **71,43%** do total, o que deu ao grupo um bom recorte para definição do perfil geral, conforme orientação da Professora Maria Tereza Sadek.

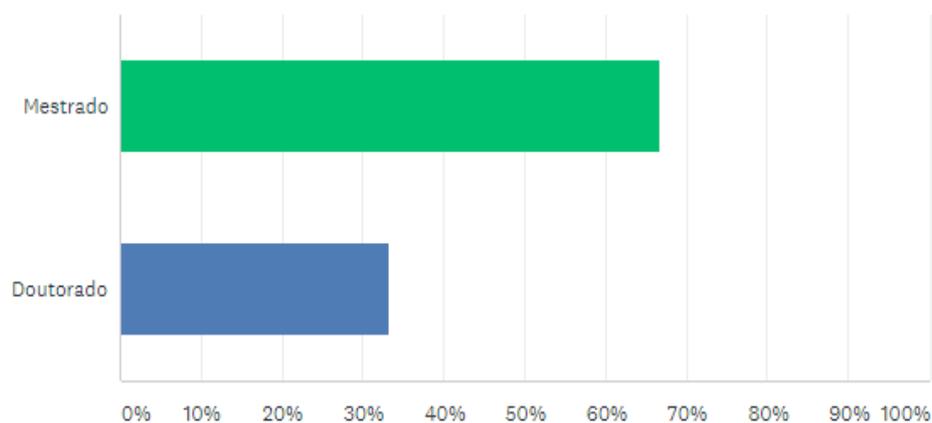
Deste total de respostas, foi possível extrair alguns dados representativos acerca do perfil das acadêmicas inscritas no programa de pós-graduação da FDUSP, levando-se em consideração o recorte atual do tempo de desenvolvimento do projeto, de modo que foram consideradas apenas alunas que ingressaram nos anos de 2017, 2018 e 2019, isto é, aquelas alunas que estejam atualmente cursando a pós-graduação.

Das 30 (trinta) respostas obtidas, concluiu-se que 60% das alunas inscritas no programa de pós-graduação do DPC/FDUSP são nascidas no Estado de São Paulo, sendo 40% em outros Estados da Federação; 80% graduadas no Estado de São Paulo, sendo 40% em outros Estados; e, dentre as formadas no Estado de São Paulo, 45% são formadas na USP, sendo 55% advindas de outras Instituições de Ensino Superior (IES).

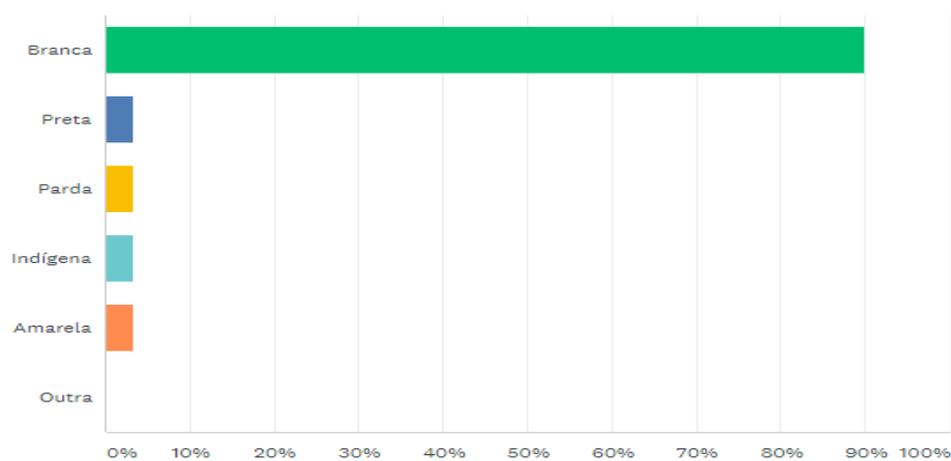
Ainda dentro do percentual de respostas obtidas, a maioria das alunas do DPC/FDUSP é solteira (46,67%), as alunas casadas representam 43,33% e 10% declararam estar em categoria de estado civil diversa; 86,21% não tem filhos, sendo

mães apenas 13,79%. Ainda, apurou-se que 60% as alunas do DPC/FDUSP exerce algum cargo na carreira privada, enquanto que 26,6% em carreira pública, estando a minoria de 13,33% inserida no ramo exclusivamente acadêmico (Professora ou Pesquisadora em tempo integral).

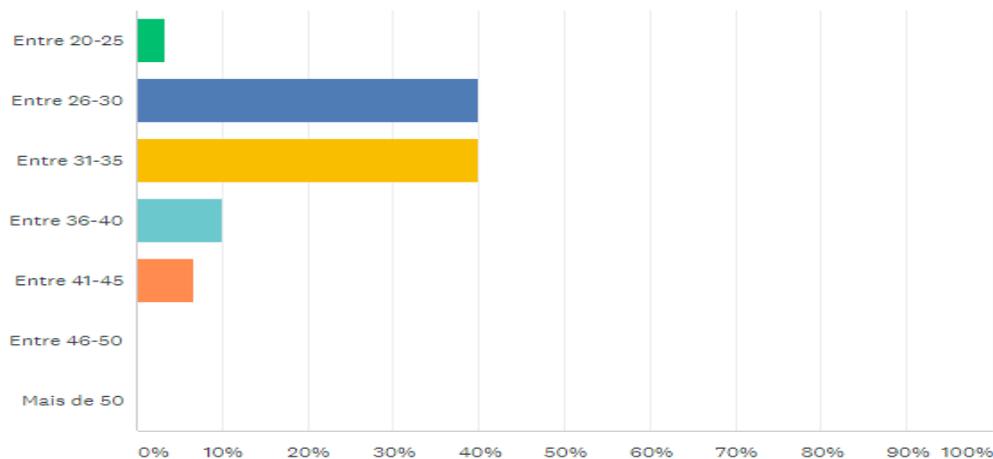
Foram obtidos outros dados, abaixo representados por gráficos, para melhor compreensão:



(66,67% inscritas em mestrado vs. 33,33% em doutorado)



(90% autodeclaram-se brancas 90% vs. 10% de outras raças)



(40% das alunas está entre 26-30 anos; 40% entre 31-35 anos; 10% entre 36-40 anos; 6,67% entre 41-45 anos; 3,33% entre 20-25 anos; sendo que nenhuma aluna tem mais de 46 anos)

Com a análise dos dados obtidos na primeira etapa, seguiu-se para a **segunda etapa**, que se iniciou com a realização de um recorte na população afetada para elaboração de entrevistas exploratórias. A amostra foi tirada, portanto, considerando faixa etária, programa de inscrição na pós-graduação (mestrado/doutorado) e porcentagem de orientandas mulheres por orientador, visto que se pretendia avaliar a interação da acadêmica com o orientador e suas relações como monitora.

Portanto, a escolha das entrevistadas se orientou pelos perfis de alunas que foram identificadas a partir das respostas dadas ao survey, buscando a maior diversidade possível no universo da entrevistadas.

Sequencialmente, desenvolveu-se uma pesquisa **qualitativa** de caráter exploratório, com a elaboração de um entrevistas com 5 (cinco) alunas, seguindo-se o perfil acima traçado. A princípio, os pesquisadores elaboraram dois instrumentos-base, sendo: *(i)* termo de consentimento para realização da pesquisa (Anexo I); e *(ii)* roteiro de pesquisa semi-estruturado, no qual constaram os eixos de interação avaliados e as hipóteses que se pretendia analisar (Anexo II), conforme já explicitado no item “hipótese”.

Para tanto, estabeleceu-se o seguinte cronograma, obedecendo ao tempo de desenvolvimento da pesquisa proposto pela disciplina:

<i>Datas vs. Tarefas</i>	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
Envio e obtenção de respostas da <i>Survey</i>	X			
Agendamento e desenvolvimento de entrevistas		X	X	
Transcrições e análise coletiva dos dados			X	
Elaboração do Relatório final de pesquisa				X

O procedimento de coleta dos dados, com a condução de entrevista gravada, bem como a transcrição das falas das entrevistadas e a análise das informações obtidas, foi realizado por uma dupla de pesquisadores designados previamente, sendo que todos os integrantes do grupo fizeram a avaliação posterior de todas as entrevistas realizadas com a amostra de alunas supracitada para que fosse feita a coleta de dados hábeis para o teste das hipóteses pré-estabelecidas.

5. RESULTADOS

Feitas as etapas do cronograma, foram avaliados os resultados parciais das pesquisas exploratórias, abaixo explicados pelo grupo de pesquisa, de acordo com cada um dos eixos adotados.

Com relação ao âmbito acadêmico, quando questionadas sobre o fato de as mulheres se sentirem menos à vontade para expressar suas opiniões em sala de aula, na posição de alunas, as respostas foram inconclusivas.

Segundo as entrevistadas, as mulheres em geral participam menos do que os homens em sala de aula, ou, ao menos, têm uma participação mais contida. Entretanto, constatamos divergências quanto à explicação para este fato, em especial quanto à relação entre “participação contida” e “desconforto por questões de gênero”.

Boa parte das entrevistadas concorda que o ambiente da sala de aula é masculino e que a presença e voz masculina é predominante nesse espaço - simbólica ou faticamente (E2, E3, E4, E5).

Na fala de várias delas, reconhece-se uma participação menor das mulheres em sala de aula ou, ao menos, uma postura mais contida e mais tímida, em oposição a dos homens, que se colocam com facilidade, com mais desenvoltura. Apesar disso, não foi unânime a existência de um sentimento de desconforto em sala de aula por questões de gênero, o que demandaria novas entrevistas para a obtenção de um resultado.

Ainda nas perguntas relativas ao âmbito acadêmico, as entrevistadas foram questionadas sobre a relação com a orientação, envolvendo perguntas inicialmente com relação a hipótese de que professores com critérios objetivos de seleção seriam preferência das orientadas mulheres;

Novamente aqui, as pesquisas exploratórias mostraram um resultado inconclusivo.

Enquanto a hipótese foi confirmada por E1 e E4, as entrevistadas E2, E3 e E5, disseram terem optado por questões relacionadas à linha de pesquisa ou proximidade acadêmica com o orientador. Neste sentido, leia-se trecho das entrevistas de E1 e E2 que, conforme já informado, possuem orientadores distintos:

“Eu escolhi o meu orientador pelo critério de escolha que ele tinha para ingresso. Como era um critério objetivo, e não subjetivo, foi por isso que eu escolhi o meu orientador”. (E1)

“Não, eu apresentei minha ideia e ele falou que gostou do tema. Então para mim isso foi suficiente”. (E2)

Ainda sobre a relação de orientação, quando questionadas sobre a existência ou percepção de um tratamento diferenciado entre os orientandos homens e as orientadas mulheres, as entrevistadas destacaram observarem um tratamento igualitário. Destaca-se sobre o tema a entrevistada E1:

“No tocante à escolha eu acho que não, na orientação, em si, eu também acho que não.(...)E até acho que a pós consegue equacionar isso de uma maneira relativamente boa. Não é fantástico, incrível, mas, pelo menos pra mim, foi bem acolhedor.” (E1)

Com relação ao tema da orientação, nossa hipótese inicial era de que existiria uma diferença de tratamento no âmbito da Universidade, no que tange à questões de gênero. Contudo, durante a condução das entrevistas, tivemos um achado adicional quanto ao tema, pois as entrevistadas E3 e E4 informaram que já haviam percebido a existência de uma diferença de tratamento entre os orientandos homens e os orientadores, no âmbito pessoal, pois estes acabariam criando laços por razões distintas, proximidades. Sobre o ponto, destaca-se a entrevista de E3:

“No tocante não a orientação, mas a relação pessoal. (...) Mas na relação pessoal que você acaba tendo com seu orientador eu vejo sim”. (E3)

Ainda com relação aos achados adicionais, as entrevistadas E1 e E3 identificaram a existência de um pré-conceito machista contra a relação entre orientadas e orientadores e, especificamente E3, destacou um medo de proximidade com seu orientador diante de possíveis comentários machistas sobre essa relação pessoal, mesmo de amizade. Leia-se:

“existe, de verdade, que é o medo das pessoas falarem que a mulher orientanda tem alguma relação, bla bla bla, que é um papo que existe, que obviamente te faz você ser um pouco distante, mas pessoalmente acho que eu sinto isso sim, sabe que não até porque eu realmente não sou tão próxima(...)” (E3)

Ainda com relação ao tema da orientação, do eixo acadêmico, dentre as hipóteses inicialmente levantadas estava a de que a dinâmica, disponibilidade e transparência na relação com o orientador eram fatores considerados por mulheres, contudo, a hipótese foi inicialmente negada pelas pesquisas exploratórias.

Com exceção da entrevistada E5, cujo orientador é do sexo masculino, todas as demais entrevistadas relataram dificuldades na comunicação de questões

peçoais aos seus orientadores. Todas confirmaram que só comunicariam questões relacionadas com a orientação, com as atividades próprias da pós-graduação.

Ainda com relação ao bloco de perguntas sobre o âmbito acadêmico, as entrevistas tiveram por escopo questionar sobre a posição da pós-graduanda durante a monitoria, tendo em vista uma hipótese inicial de que as monitoras mulheres são mais confrontadas em sala de aula do que os monitores homens.

Novamente aqui, pela pesquisa exploratória, o resultado foi inconclusivo, em especial pela dificuldade encontrada no sentido de que ou o orientador não demanda monitoria, ou o modelo de monitoria não demanda interação entre monitora e alunos.

As entrevistadas E1 e E4, que dão (ou já deram) monitoria, relataram que não sentem qualquer desconforto ou tratamento diferenciado. Entretanto, ambas relembram situações em que tiveram suas autoridades contestadas por alunos homens.

“eu tive um probleminha com um aluno, logo no comecinho, no segundo ano, que foi, e aí foi um menino, e eu acho que se fosse uma menina não teria falado do jeito que ele falou e se eu fosse um monitor, e não uma monitora, ele também não teria falado do jeito que ele falou.” (E1)

“talvez enquanto mulher eles achavam que eu desistiria de reorganizar a sala e daí o que eu já percebi é que quando eu estava com outro orientando, tipo o "Ticio", as pessoas respeitavam mais neste sentido, ele falava “caras vocês não estão entendendo é assim e pronto” e então tá bom. Eu tinha que pedir mais vezes e ele menos.”. (E4)

Para encerrar as perguntas direcionadas sobre o âmbito acadêmico, tendo já passado sobre questões de posicionamento como aluna, orientanda e monitora, foram realizadas perguntas sobre o sentimento de representatividade (docência, bibliografia e eventos) durante a pós-graduação, tendo em vista a percepção inicial de que as mulheres são menos presentes nas escolhas dos professores para composição da bibliografia e para compor mesas de eventos.

As perguntas formalizadas tinham como pretensão aferir como o baixo número de professoras, bibliografia, eventos com mulheres palestrantes, afetava as alunas da pós-graduação, a fim de saber se haveria um desafio de gênero.

A hipótese inicial foi confirmada pela pesquisa exploratória. Isto porque as entrevistadas E1, E2, E3 e E5 relataram a percepção de que as mulheres são minoria tanto no âmbito acadêmico do PPGD da FDUSP no DPC, seja na bibliografia das matérias que cursaram, como da bibliografia dos seus respectivos temas de pesquisa, como, ainda, em painéis de eventos acadêmicos e no próprio corpo docente.

Quanto à relevância dessa baixa representatividade, todavia, a pesquisa se mostrou inconclusiva. Com efeito, as entrevistadas E1, E2 e E5 aparentaram não ver tanta relevância nesse aspecto. Isto é, não se sentiram afetadas por essa baixa representatividade. A entrevistada E4, por outro lado, relatou sentir que haveria sim relevância no aspecto da baixa representatividade feminina no âmbito acadêmico:

“É relevante, acho que seria importante também ouvir as mulheres, não que a questão de gênero possa alterar o resultado, o conteúdo, mas a forma de escrita pode ser outra e também encontrar alguns, não sei, caminhos, respostas, para algumas questões de forma diferente”. (E4)

Passando para o bloco de perguntas que envolviam o aspecto profissional e pessoal, as entrevistadas responderam sobre a gestão do tempo pelas mulheres, confirmando que estas possuem uma sobrecarga além da carreira acadêmica.

As entrevistadas que também são mães (E2 e E4) sentem que sempre estão devendo de algum lado, seja no profissional, seja no acadêmico, seja no familiar.

“Obviamente que eu não consigo fazer tudo que eu quero, com a qualidade que eu quero, e acho que esse é o grande dilema, porque eu sinto que eu estou sempre devendo, devendo na companhia para os meus filhos, devendo na entrega do escritório, devendo na entrega da faculdade, to devendo com meu marido, eu tento fazer o máximo que eu posso, né, dentro deste cenário. Mas é uma sensação de dever não cumprido em todas as áreas pessoais e profissionais”. (E4)

Para as entrevistadas, em geral as mulheres possuem mais dificuldade para conciliar carreira acadêmica, profissional, vida doméstica e maternidade do que os homens.

Outro achado presente nas respostas é a auto cobrança. A mulher para conseguir trilhar a carreira acadêmica e gerir seu tempo com as demais atividades precisa se dedicar mais que os homens. A pesquisa exploratória revelou também que as mulheres (mães e não mães) estão sem tempo pessoal e usam os finais de semana para as atividades acadêmicas, ao invés do tempo livre ou familiar, o que leva a uma sobrecarga.

A pesquisa exploratória permitiu aferir que as mulheres se sentem mais cobradas pela sociedade também quanto às tarefas domésticas que os homens, destaque para o comentário da entrevistada E1:

“Você nunca espera que a mulher não seja dona de casa. Não importa quanto título ela tenha, não importa o que ela seja profissionalmente, você sempre espera que a casa dela seja impecável, porque ela faz. Então, você nunca espera isso de um homem. Você nunca pergunta pra um homem: “como tá sua casa? Tá limpinha? Tinha louça na pia?”. Você nunca pergunta, você não espera isso dele.” (E1)

Dentre as dificuldades presentes no âmbito pessoal pelas mulheres, consideradas na hipótese deste trabalho estava a de que as mulheres com filhos possuem mais dificuldade de se inserir na carreira acadêmica.

As entrevistas conduzidas de forma exploratória permitem confirmar a hipótese. No geral, as entrevistadas não sentem que a decisão de ter filhos é postergada pela pós-graduação, mas sentem que é uma questão sensível e complicada para compartilhar com o orientador e enxergam que a maternidade é um entrave à carreira da mulher, tanto acadêmica como profissional.

“a gente tem que formar mais mulheres com renome. Mas isso leva tempo. E aí acho que tem as dificuldades de conciliar. Porque é difícil ter uma pessoa que é dedicação exclusiva, você sendo mulher eu acho que já é um desafio a mais você conciliar advocacia, com vida acadêmica, publicação, mestrado, família... e eu acho que isso tende a fazer com que as mulheres deixem, por exemplo, a parte acadêmica, que seria um extra, de lado”. (E5)

As entrevistadas que têm filhos relataram dificuldades maiores de prosseguir na pós-graduação e cumprir as obrigações acadêmicas, atrelando também ao fato de que estão inseridas em cargos mais altos na profissão.

Um achado relativo ao tema diz respeito ao fato de que ambas as entrevistadas que são mães (E2 e E4) relataram que as pessoas trataram suas respectivas licenças maternidade como férias. É o que se extrai da entrevista de E2:

“Ah, acho que nenhum homem tem que pedir para algum orientador uma concessão de prazo por uma questão de que ele vai ter um filho, né? (...) As pessoas veem a licença como vagabundagem, né? Quando eu voltei, as pessoas falavam “ah, você estava de férias”. E eu falava “não, gente, agora eu estou de férias...”. Então as pessoas têm uma visão um pouco errada, distorciam licenças e direitos...” (E2)

A entrevistada E4 que engravidou após sua matrícula no programa de pós-graduação relatou a falta de compreensão administrativa e docente no tocante à flexibilização de regras dada a situação peculiar da gravidez.

Para fechar o questionário formalizado, foi tratado o tema da carreira profissional. As entrevistadas foram questionadas sobre as dificuldades de conciliar a carreira profissional com a acadêmica e os compromissos da pós-graduação.

Não foi possível aferir pelo resultado da pesquisa se os homens têm mais incentivo para conciliar a carreira profissional com a academia ou compromissos da pós-graduação. Em geral, as entrevistadas dizem que encontram apoio profissional para seguirem com suas carreiras acadêmicas, mas que precisam “dar conta” do profissional e do acadêmico, abrindo mão do tempo pessoal.

Destaque para a entrevistada E3 que pontua que para o homem é mais fácil que para mulher para conciliar:

“Pro homem é muito mais fácil, isso automaticamente estimula, essa questão de contato, com os professores que com homem é mais fácil... não acho que é nada expresso, mas que existe existe, você vê assim, e eu acho que, é muito mais fácil para homem, acho que é esse o ponto, para mulher se você quer, você está se dedicando para isso, vai ser mais difícil. As dificuldades não são iguais”. (E3)

Há ainda nos relatos posicionamento no sentido de que a mulher acaba tendo que optar por um caminho ao invés de todos, pela inviabilidade de se conciliar a questão familiar, doméstica, acadêmica e profissional.

Conforme visto, de um geral de 42 (quarenta e duas) mulheres inscritas no programa de pós-graduação da FADUSP, foram realizadas 5 (cinco) entrevistas exploratórias que puderam afastar ou confirmar hipóteses inicialmente aventadas pela pesquisa, de modo que a conclusão das entrevistas poderá culminar em resultados mais claros e novos achados.

Portanto, a fim de sistematizar os resultados da pesquisa acima colacionados, tem-se a tabela abaixo:

Eixo	Hipótese	Resultado
Discência	Alunas mulheres se sentem menos à vontade para expressar suas opiniões.	Inconclusivo
Orientação	Professores com critérios objetivos de seleção são preferência das orientadas mulheres.	Inconclusivo
Orientação	Tratamento diferente dado pelo orientador entre homens e mulheres orientandos.	Hipótese confirmada
Orientação	Dinâmica, disponibilidade e transparência na relação com o orientador são fatores considerados por mulheres.	Hipótese negada
Monitoria	Monitoras mulheres são mais confrontadas em sala de aula.	Inconclusivo
Representatividade e (docência, bibliografia e eventos)	Mulheres são menos presentes nas escolhas dos professores para composição da bibliografia e para compor mesas de eventos; mulheres são menos aprovadas em concursos para professores	Hipótese confirmada
Gestão do tempo	Mulheres possuem uma sobrecarga além da carreira acadêmica.	Hipótese confirmada
Maternidade	Mulheres com filhos possuem mais dificuldade de se inserir na carreira acadêmica.	Hipótese confirmada

Carreira	Mulheres em cargos de gestão têm mais dificuldade de conciliar a carreira profissional com a academia e os compromissos da pós-graduação.	Inconclusivo
----------	---	--------------

Tais resultados individuais, separados por eixos analisados pelos pesquisadores, demonstram que a hipótese central do grupo foi confirmada, consoante pormenorizado no capítulo seguinte.

6. CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados nas etapas da pesquisa acima descrita, fundamentalmente com a elaboração de entrevistas com alunas destacadas do panorama geral da amostra coletada através do método qualitativo, conclui-se que a **hipótese central foi confirmada**, visto que há desafios diferentes a serem superados por alunas mulheres na interação, desenvolvimento e permanência das alunas mulheres na pós-graduação do DPC/FDUSP.

Retomando nossa pergunta o primeiro desafio identificado de forma exploratória diz respeito à relação entre as orientadas e seus orientadores, inexistindo uma plena liberdade de relação, seja por medo de “julgamentos” machistas, seja pela dificuldade em estabelecer uma proximidade pessoal com o orientador, que é mais identificada nas relações entre orientandos e orientador como corriqueira.

Outro desafio aferido preliminarmente diz respeito à gestão do tempo e maternidade, as orientadas, mesmo as que não possuem filhos, identificam com base em experiências pessoais ou de colegas próximas, a dificuldade de qualquer mulher em assumir de forma efetiva todos os campos: acadêmico, pessoal e profissional, percebendo em sua realidade que os homens acabam gerindo melhor estas situações, muitas vezes por ausência de “*pressão externa*” da sociedade sobre questões pessoais (como a maternidade). É nítida a autocobrança existente entre as entrevistadas.

Não foi possível concluir, nesta fase embrionária da pesquisa, que as entrevistadas sentem dificuldades ao se posicionar em sala de aula por questões de gênero, seja durante a realização de monitoria, seja na posição de aluna, o que pode estar atrelado ao fato de que as entrevistas possuem carreiras profissionais ativas, em

contencioso, trabalham em escritórios ou no poder judiciário, e estão em uma posição de empoderamento pelas características próprias de sua atividade profissional de litígio o que, não só podem dificultar a sua percepção sobre o tema, como mascarar seu desconforto.

As entrevistadas, de um modo geral, relataram dificuldades maiores de gênero no âmbito profissional do que no âmbito acadêmico. Com base nas experiências do grupo, a pesquisa, se conduzida com enfoque em outros departamentos, poderia culminar em resultados distintos, o que não desvaloriza os resultados obtidos com relação ao Departamento de Processo Civil.

Por fim, pode-se concluir, também de maneira preliminar e exploratória, que estruturalmente as questões de gênero são identificadas e percebidas pelas entrevistadas, baixo número de professoras mulheres, ausência de bibliografias com autoras mulheres, baixa participação de mulheres compondo mesas de eventos acadêmicos, sendo citado inclusive a ausência de regras claras relativas à maternidade/licenças.

Contudo, foi possível perceber que a régua utilizada pelas entrevistadas para avaliar as questões de gênero é, em regra, a do cotidiano da advocacia, explicitamente machista, assim, as interações deste gênero no âmbito acadêmico acabam sendo mais relevadas pelas mulheres.

Por fim, ressalta-se que a mesma metodologia utilizada nesta pesquisa, poderá ser utilizada para outros departamentos da USP ou mesmo de outras IES, sendo possível – e até necessária – a replicabilidade do método desenvolvido, considerando-se a necessidade de elaboração e fortalecimento de medidas afirmativas que facilitem o completo desenvolvimento da mulher no âmbito acadêmico, em todas as suas esferas de interação.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOF, Alvana Maria. OLIVEIRA, Adolfo Samuel de. (organizadores). Caderno de estudos e pesquisas em políticas educacionais. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

CEREZETTI, Sheila Christina Neder; *et al* (coord). Interações de gênero nas salas de aula da Faculdade de Direito da USP: um currículo oculto? São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/ Universidade de São Paulo (USP), 2019. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>; acesso em: 16/10/2019, às 09:30h.

GUYARD-NEDELEC, Alexandrine. A Legal Maternal Wall? No Revolution in Motherhood for Women Lawyers in England; *in* Revue Française de Civilisation Britannique [Online], XXIII-1 | 2018, Online since 20 March 2018, connection on 16 November 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rfcb/1859>; DOI: 10.4000/rfcb.1859, acesso em: 10/11/2019, às 23:06h.

MOLM, Linda D; HEDLEY, Mark. Gender, Power and Social Exchange. *in*: RIDGEWAY, Cecilia L. Gender, Interaction and Inequality. .New York: Springer Science Business Media, 1992. p. 1-29

NIELSEN, Laura Beneth. The need for multi-method approaches in empirical legal research. *In* CANE, Peter; KRITZER, Herbert M., The Oxford Handbook of Empirical Legal Research, Oxford University Press. p. 952-971

RIDGEWAY, Cecilia, L. Gender, Interaction and Inequality. New York: Springer Science Business Media, 1992.

SCOTT. Joan W. "Gender: A Useful Category of Historical Analysis". The American Historical Review, vol. 91, n. 5, 1986, pp. 1053-1075, JSTOR. Disponível: www.jstor.org/stable/1864376. Acesso em: 16/10/2019, às 10:30h.

TELLES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios. São Paulo: Editora Alameda, 2017.